

## Brasília recebe a exposição “Tudo que é sólido desmancha no ar”



A mostra de Rommulo Conceição  
desembarca no Centro Cultural TCU em 21 de maio

### ESTRUTURAS EM COLAPSO

*O homem é um ser que se criou ao criar uma linguagem.*  
Octavio Paz

*A linguagem é um vírus que veio do espaço.*  
William Burroughs

Qual seria o interesse da biografia de um artista na análise de seu trabalho? Afinal, como escreveu o grande poeta russo, Joseph Brodsky, os dados verdadeiros das biografias dos poetas, a maneira do que acontece com os pássaros, “estão na sonoridade peculiar de seu canto. [A biografia dos poetas] está em suas vogais e sibilantes, em sua métrica, em suas rimas e metáforas”.<sup>1</sup> Um ponto de vista a ser considerado, sem dúvida, mas há casos, e Rommulo Conceição figura entre eles, em que a biografia fornece uma chave de compreensão do trabalho.

---

<sup>1</sup> 1. Joseph Brodsky – O som da maré, in: Menos que um. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.97

O currículo do artista não omite sua formação em geologia, seu doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em associação com a Australian National University, de Canberra, mas exclui por completo sua atuação como professor na área de Geociência junto a instituição gaúcha. Lido diagonalmente, que é como se costuma ler essa modalidade menor e monótona de literatura, o de Rommulo faz crer que suas duas faces não se comunicam, mais um caso de vidas profissionais paralelas em que uma não entra em contato com a outra. Pois, como se vê nessa exposição, o artista e o professor/pesquisador Rommulo Conceição comunicam-se, interpenetram-se, fecundam-se mutuamente.

A coletânea de trabalhos recentes de Rommulo Conceição mistura fotografias, desenhos e instalações. Nela, o visitante perceberá diversos cruzamentos disciplinares, além do domínio do artista sobre sistemas científicos de representação e desenhos técnicos digitais, cuja plasticidade é testada, questionada e posta em colapso. Nada a estranhar: professor da Faculdade de Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rommulo é um artista-cientista.

O caráter multidisciplinar de sua poética é comprovado pelo jogo entre o *design* e a arte: de um lado, objetos triviais, cotidianos, fragmentados ou inteiros, projetados e executados com o apuro típico dos móveis e objetos que povoam as lojas de decoração contemporânea; de outro, a *inutilidade* característica das obras de arte.

Se há um ponto de dissonância entre *design* e *arte*, é o apego desta em se manter insubordinada às demandas práticas da vida. Algo a ver com a clássica definição de “Xadrez”, dada por Millôr Fernandes: “Jogo chinês que aumenta a capacidade de jogar xadrez.” Obras como “Sala, banheiro e serviço” e “Uma mesa” (quantas mesas contém essa mesa? Ou são diversas rotações de uma mesma mesa, à maneira de uma casa de Peter Eisenman, do período desconstrutivista?), logo se nota, não nascem do improviso, mas de um jogo premeditado de formas, de um curto-circuito entre estruturas.

A ideia de estarmos dentro de um laboratório dedicado à manipulação e à materialização de formulações matemáticas, geometricamente absurdas ou incongruentes, complexas como os desenhos do artista holandês M. C. Escher, fica evidente já na pintura das paredes da sala de exposição: cores nítidas, vívidas, brilhantes, artificiais; tonalidades agressivas de verde, vermelho, azul, laranja, próprias aos ambientes e artefatos plastificados ou feitos de resina de epóxi, com suas bordas abauladas e sua promessa de fácil limpeza.

Essas também são as cores dos desenhos que compõem a série **“Tudo que é sólido desmancha no ar”**, que dá título a essa exposição. Desenhos digitais de estruturas desmontadas, explodidas e diáfanos, precisas como projetos de engenharia, porém fragmentadas; desenhos incompletos e enigmáticos como novos parietais que, em vez de milenarmente fixados em paredes de cavernas, pairam sobre atmosferas obscuras; visões parciais e cromaticamente manipuladas do nosso planeta, não estivessem recobertas ou contrapostas a campos de nuvens apaziguadoras, como nos relaxantes papéis de parede que colocamos em nossos computadores para compensar as horas que ali passamos, paralisados.

Rommulo desfuncionaliza, inviabiliza os objetos afastando-os do design e fazendo-os rumar em direção à arte, uma aproximação reforçada pelo recurso a um excesso de estetização, expresso nessas cores intensas, exclusivamente primárias e complementares, aplicadas em superfícies laqueadas, reluzentes e irreais como maquetes eletrônicas. Maquetes que ele constrói na qualidade de etapa e produto de um processo rigorosamente calculado. O artista chega até elas como desdobramento de delicados desenhos executados digitalmente. E é justamente nesses projetos que reside o germe do seu singular raciocínio projetual: elaborados em camadas de folhas de papel transparente, primam pelo mesmo acabamento rigoroso dos objetos e também, como não poderia deixar de ser, pela mesma sorte de incongruências, incorreções, subversões da perspectiva geométrica, enfim, perturbações dos padrões de representação com os quais intervimos no mundo.

O exame da pesquisa poética de Rommulo leva a concluir por um caráter interdisciplinar, associado a noções como sobreposição, justaposição, dobra, espelhamento, camadas; tudo que possa sugerir uma convivência complexa entre sistemas de naturezas, de funções e de significados distintos, como arte e ciência, instalação e *design*, projeto e produto, matéria e imagem.

## Serviço

### **Exposição “Tudo que é sólido desmancha no ar”**

Local: Centro Cultural TCU, no Instituto Serzedello Corrêa (ISC)

Setor de Clubes Esportivos Sul, Trecho 3, Brasília – DF

Abertura: 21 de maio, às 19 horas

Período de exibição: De 21 de maio a 20 de julho

Classificação indicativa: Livre

Funcionamento: Segunda a sexta, das 9 às 18 horas

Aos sábados, das 14 às 19 horas

Informações: 3316-5381

Agendamento de visitas orientadas: 3316-5221

Entrada gratuita

## **Centro Cultural TCU**

Localizado no Instituto Serzedello Corrêa (ISC) – Escola Superior do Tribunal de Contas da União (TCU) –, o Centro Cultural TCU promove as ações culturais do Tribunal de Contas da União.

Essas ações oferecem a estudantes e ao grande público importantes oportunidades de acesso à história, à arte e a outras manifestações culturais, em alinhamento com a pauta positiva estabelecida pela gestão do Tribunal de Contas da União (TCU).

As atividades culturais realizadas no Centro Cultural TCU são atendidas pelo **Programa Educativo do TCU**, um projeto de atendimento a grupos e escolas que utiliza conteúdo desenvolvido especificamente para cada exposição.

Com a realização de visitas mediadas por arte-educadores e em suas demais atividades, como oficinas e *workshops*, o Programa Educativo do TCU contribui diretamente para a visão crítica e a formação cidadã de estudantes das redes pública e privada de ensino.

## **Biografia do autor**

**Rommulo Vieira Conceição** é um artista visual que trabalha com diversos meios, como a instalação, os objetos, a escultura, o desenho e a fotografia, explorando as sutilezas de percepção do espaço na contemporaneidade e as relações do homem contemporâneo no mundo atual. Nasceu em 1968, em Salvador- Bahia, onde começou seus estudos em artes em 1983, sob a orientação da artista Célia Prata, na Oficina de Artes Plásticas da Escola Técnica Federal da Bahia. Desde 2000 reside em Porto Alegre (RS) onde desenvolveu seu mestrado em Poéticas Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005 – 2007) e teve orientação artística de Jailton Moreira, no Espaço Torreão (2000 – 2003). Desde 1998 vem realizando individuais e coletivas, e residências artísticas no Brasil, na Argentina, na Austrália, no Japão e na Finlândia. Em 2006 participou da 3ª Edição do Rumos Itaú Cultural com o trabalho Quarto-Cozinha (2005-2006) no qual sobrepôs um quarto e uma cozinha, ambos totalmente operacionais. Em 2009 realizou uma exposição individual em Ekenäs, na Finlândia, onde iniciou uma série de desenhos monocromáticos, ainda em desenvolvimento. Em 2011 participou da 8ª Bienal do MERCOSUL, no mesmo ano em que participou da exposição Agora/Ágora, no Santander Cultural de Porto Alegre, com o trabalho SuperCinema, onde construiu uma sobreposição de um cinema e um supermercado, ambos no mesmo local e totalmente operacionais e que nucleou toda a mostra, de elenco internacional. Em 2013 realizou sua primeira exposição na Galeria Casa Triângulo em São Paulo. Entre os anos 2009 e 2010 fez parte do grupo “Pessoal” envolvendo dois artistas Chilenos e uma artista Argentina. Em 2015 participou da 10ª Bienal do MERCOSUL. Ganhou alguns prêmios, dentre os quais Rumos Itaú Cultural (2006), 1º Prêmio FUNARTE de Produção em Artes (2008/2009), Prêmio Funarte de Arte Contemporânea 2012 – Galerias de São Paulo (2012) e Prêmio Aquisição Marcantonio Vilaça-FUNARTE (2012). Foi indicado duas vezes ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (2010 e 2012) e três vezes ao prêmio PIPA (2010, 2011, 2018). Atualmente, mora e trabalha em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Atualmente, é representado pela Galeria Gestual, Porto Alegre.

## **Curador**

**Agnaldo Aricê Caldas Farias** (Itajubá, MG, 1955). Professor, curador e crítico de arte. Em 1980, forma-se em arquitetura e urbanismo pela Universidade Braz Cubas, em Mogi das Cruzes, São Paulo. Prossegue sua formação acadêmica com mestrado em história pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1990, e o doutorado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), em 1997.

Participa da 16ª e 17ª edições da Bienal de São Paulo, em 1981 e 1983, na seção de cinema da equipe do curador-geral [Walter Zanini \(1925-2013\)](#). Em 1981, passa a fazer parte do corpo docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) – atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo –, pertencente à USP, onde começa a lecionar disciplinas sobre artes plásticas. Em 1986, escreve seu primeiro texto para um catálogo de exposição e, em 1988, passa a publicar artigos nas revistas *Galeria* e *Guia das Artes*. Entre 1990 e 1992, atua como curador de um conjunto de exposições temporárias do [Museu de Arte Contemporânea da USP \(MAC/USP\)](#). É assessor de artes plásticas da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo durante o secretariado de Ricardo Ohtake (1942). Nesse período, atua como coordenador e curador, com o filósofo Nelson Brissac Peixoto, na primeira mostra *Arte/Cidade (Cidade sem Janelas)*, em 1994. No mesmo ano, é responsável pela curadoria da retrospectiva do artista [Nelson Leirner \(1932\)](#). É curador da Bienal Brasil Século XX, em 1994. Em 1996, trabalha como curador-adjunto da 23ª Bienal de São Paulo. Entre 1998 e 2000, é o curador-geral do [Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro \(MAM/RJ\)](#). Após uma breve passagem pelo Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP), em 2003, Agnaldo Farias transfere-se para o Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU/USP, onde é professor. Em 2002, é responsável pela curadoria da representação brasileira da 25ª Bienal de São Paulo. Ao lado do curador Moacir dos Anjos (1963), assina a curadoria geral da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010, e mantém a parceria na representação brasileira da 54ª Bienal de Veneza, em 2011, com uma exposição de [Artur Barrio \(1945\)](#).